

ATIVIDADES ONLINE NAS UNIVERSIDADES SENIORES EM TEMPOS DE PANDEMIA

Luis Jacob

Escola Superior de Educação de Santarém / Instituto Politécnico de Santarém
luis.jacob@ese.ipsantarem.pt

Ana Rita Coelho

Iscte - Instituto Universitário de Lisboa, Centro de Investigação e Estudos de Sociologia
(Cies_Iscte)
ana.coelho@iscte-iul.pt

Resumo

Durante a pandemia do COVID-19, as Universidades Seniores (US), como a maioria dos serviços, tiveram que interromper as suas atividades normais de forma repentina. Como forma de mitigar este encerramento temporário, muitas US desenvolveram metodologias de formação online. Este estudo apresenta os resultados de um inquérito realizado às US sobre as suas atividades online de março a julho de 2020, com o objetivo de perceber se estas conseguiram transformar a sua atividade, por norma, presencial, para um ensino à distância, acompanhando assim outras instituições. A maioria das US desenvolveu algum tipo de trabalho online, com preferência pelas plataformas Zoom e Facebook. A adesão dos alunos e professores foi variável, mas globalmente positiva, e a dificuldade em lidar com as tecnologias foi o principal problema encontrado.

Palavras-chave: Universidade Sénior; COVID-19; ensino online; seniores.

Abstract

During the COVID-19 pandemic, Senior Universities (US), like most services, had to interrupt their normal activities suddenly. As a way of mitigating this temporary closure, many US have developed online training methodologies. This study presents the results of a survey carried out to the US on their online activities from March to July 2020, whose objective was to understanding whether they were able to transform their normally face-to-face activity to distance learning, thus accompanying other institutions.



Most US have developed some kind of online work, with preference for the Zoom and Facebook platforms. The adhesion of students and teachers was variable, but globally positive, and the difficulty in dealing with technologies was the main problem.

Keywords: Senior University; COVID-19; online teaching; seniors.

Introdução

Devido à pandemia de Covid-19, o Governo português anunciou formalmente o encerramento das escolas a 16 de março de 2020 e declarou o estado de emergência dois dias depois. O ensino teve de se adaptar à exigência da distância social, tendo vigorado o ensino online de emergência, formato de ensino que se caracteriza “por uma separação física entre o aluno e professor, separação essa que não foi planeada e que resulta de uma situação de emergência. A tendência, nestes casos, é de transportar para a distância os conteúdos e o formato das aulas presenciais, e manter os alunos num regime de aulas síncronas e de acordo com os horários estabelecidos para as aulas presenciais. Os materiais originalmente construídos não foram previamente preparados para um regime de distância e, por isso, devem ser adaptados para o contexto.” (Mineiro & Lagarto, 2020).

As dificuldades suscitadas por esta mudança súbita e imprevista, sentidas transversalmente em todos os tipos de ensino, são ainda mais notórias no ensino sénior, desde logo por uma grande parte das pessoas das gerações mais velhas não serem utilizadoras efetivas das novas tecnologias. Para além disso, como se adapta o ensino sénior e as atividades das universidades seniores, tão caracterizadas pelo convívio em presença, pela interação entre professores e alunos, pelo “saber fazer”, a esta nova realidade?

Pela Resolução de Conselho de Ministros nº 76/2016, as Universidades Seniores (US) são “respostas socioeducativas que visam criar e dinamizar regularmente atividades nas áreas sociais, culturais, do conhecimento, do saber e de convívio, a partir dos 50 anos de idade, prosseguidas por entidades públicas ou privadas, com ou sem fins lucrativos”. As Universidades Seniores (US) portuguesas são constituídas por 369 instituições, 67% das quais criadas por associações, frequentadas por perto de 62000 alunos (a maioria mulheres e de todos os graus de ensino) com o apoio de 7544 professores voluntários (a maioria licenciados e dos



quais 30% tem menos de 40 anos). Na sua maioria, as US realizam as suas atividades letivas e recreativas de setembro a julho, com uma média de 200 alunos e 22 professores.

Em virtude da pandemia do COVID-19 que começava a surgir em Portugal, no dia 11 de março de 2020, a RUTIS (Associação Rede de Universidades da Terceira Idade), entidade representativa das Universidades Seniores portuguesas, aconselhou os seus membros, na sua *newsletter* n.º 6/2020, a suspenderem as atividades presenciais normais (aulas, oficinas, saídas e ensaios). Posteriormente, no dia 19 de março, na sua *newsletter* n.º 7/2020, a RUTIS sugeriu a realização de atividades online por parte das US de forma a poderem continuar a servir e apoiar os seus alunos seniores e apresentou alguns exemplos de atividades digitais. A 22 do mesmo mês a RUTIS apresentou o seu próprio projeto digital, a Universidade Sénior Virtual, disponível em www.seniorvirtual.pt, gratuita e acessível a qualquer pessoa. Este projeto foi interrompido a 31 de julho, para retomar em outubro, e tem 1236 alunos inscritos a uma média de 20 aulas semanais.

Qual terá sido a adesão das US ao projeto digital e ao ensino online de emergência? Qual a sua resposta perante esta situação inesperada e repentina? Terão estas sabido adaptar-se a um contexto totalmente novo e terão conseguido manter o seu público “ligado”? Que dificuldades foram sentidas face às particularidades desse público? Que lições e oportunidades se podem retirar desta experiência? Estas são algumas questões sobre as quais se procura refletir no presente artigo. Para tal, após um breve enquadramento teórico, apresentam-se os resultados de um inquérito online realizado às US, entre junho e julho de 2020.

Seniores, Aprendizagens e Transformação Digital

A pandemia veio acentuar e acelerar algumas tendências da sociedade atual, como a crescente relevância do digital e das novas literacias. Nesse sentido, alguns autores evidenciam a necessidade de promover a mudança nos processos de ensino e aprendizagem (Cobo 2016; Figueiredo, 2017). Como referem Iivari, Sharma & Ventä-Olkkonen (2020), a “transformação digital” afeta mais do que nunca todos os indivíduos e ocorre nas mais variadas esferas da sua vida. Neste contexto, Aggarwal *et al.* (2020) denunciam o agravamento da diferenciação entre as pessoas que têm competências para gerir a sua vida com recurso ao online e as que têm a sua vida mais dificultada por não o conseguirem fazer.



O problema da exclusão digital está bastante associado ao desfavorecimento qualificacional e aos baixos níveis de literacia da população adulta (Ávila, 2008), embora outros fatores se constituam também como obstáculos ao uso de tecnologias de informação e comunicação (TIC) entre os seniores (Amaro & Gil, 2011; Van Deursen & Van Dijk, 2014). Essa exclusão tem como consequência direta “a incapacidade de se poder usufruir de todas as valências que uma sociedade digital promove e oferece”, e no caso dos mais velhos vai induzir a uma exclusão social que se reflete numa “dupla penalização” (Gil, 2016a).

Segundo dados de 2017/2018 (INE, IUTICF), apenas 33% da população com idade entre os 65 e os 74 anos utiliza internet. Este facto coloca desde logo um desafio suplementar ao desenvolvimento de atividades de ensino à distância. Se no ensino formal os desafios já são variados (Nova SBE 2020a e 2020b), neste contexto estas particularidades poderão trazer uma necessidade ainda maior de recorrer a processos e estratégias criativos e motivadores, ao mesmo tempo que incentivadores da aprendizagem em TIC, para não “perder” os alunos seniores e poder continuar a prestar-lhes o apoio, o acompanhamento e os serviços prestados até então.

O contributo das US para o envelhecimento ativo tem sido amplamente analisado pelos especialistas (Rebelo, 2015; Teixeira & Galinha, 2017). O ingresso numa fase mais avançada da vida em instituições como as universidades seniores pode significar valorização pessoal, em contrassenso ao curto percurso escolar trilhado na juventude (Coelho, 2019). Como várias pesquisas apontam (Jacob, 2012; Monteiro & Neto, 2008; Rebelo, 2015), os motivos por que as pessoas procuram as universidades seniores estão relacionados com a aprendizagem e a atualização de conhecimentos, o convívio, manterem-se ativos, combaterem o isolamento e aumentarem a autoestima.

Um conjunto de aspetos têm sido abordados pela literatura como relevantes para envolver os seniores em oportunidades de aprendizagem, nomeadamente relacionadas com o digital. Eynon e Helsper (2010) sugerem que iniciativas viradas para os interesses quotidianos dos adultos, por oposição a formas de aprendizagem mais formal, tendem a ser mais eficazes. A despadronização das aprendizagens é uma componente referida por algumas pesquisas (Bartolomé, Castañeda & Addel, 2018; Gil, 2013). Outros autores evidenciam a importância de a abordagem sobre as TIC ressaltar componentes práticas (CGF & IA, 2010). A literatura sugere também que a formação deve fomentar a aprendizagem cooperativa, em ambiente de partilha com



os pares e “privilegiar os aspetos mais afetivos e relacionais”, podendo as TIC constituir um instrumento para a inclusão (Gil, 2018: 292).

Van Deursen e van Dijk (2014) referem que, perante a maior relevância dos media digitais na sociedade, os seniores mostram mais interesse em usá-los e em aprender. Apesar de um envolvimento em geral menor com a internet do que os restantes grupos etários, principalmente entre os seniores menos qualificados, a adesão dos seniores à internet tem sido crescente, à semelhança do panorama internacional, em que se identifica uma progressiva digitalização da “new older generation” (Colombo, Aroldi & Carlo, 2014). Modos de relação heterogéneos e nuances na motivação e utilização das novas TIC entre os seniores têm sido, aliás, identificados por pesquisas na área (Coelho, 2019; Van Boekel, Peek & Luijckx, 2017; Van Deursen & Helsper, 2015).

Vários estudos mostram as perceções dos participantes em processos de aprendizagem de TIC (nomeadamente, em universidades seniores) sobre os impactos dessa participação: no bem-estar social, no bem-estar mental (Gil & Páscoa, 2018), no desenvolvimento pessoal (Gomes, 2014), na melhoria da qualidade de vida e da comunicação, ressaltando também a perceção de maior proximidade à “modernidade”, acompanhando as novas gerações (Varela, 2012).

Refletindo num “futuro pós-covid”, Rodrigues (2020) destaca a importância da formação ao longo da vida: “dada a rapidez dos processos de mudança, a capacidade de continuar a aprender ao longo da vida é uma competência decisiva para enfrentar o futuro”. As universidades seniores desempenham um papel relevante a esse nível, e inclusive, na formação de competências digitais. Estas incorporam desde o início a disciplina de informática/TIC, a qual tem vindo a integrar conteúdos centrados na utilização da internet. Compreender como estas se posicionaram face aos novos desafios impostos pela pandemia, e como se adaptaram a um formato de ensino à distância, é com certeza útil para compreender o presente e perspetivar o futuro da educação de adultos e seniores.

Metodologia

Com o objetivo geral de perceber qual a resposta das universidades seniores perante a impossibilidade de manter a atividade presencial, devido ao Covid-19, e que atividades digitais desenvolveram durante essa primeira fase da pandemia, assim como de responder às questões investigativas mais específicas formuladas



anteriormente, as US foram convidadas a participar num inquérito por questionário. O inquérito, face ao seu carácter extensivo e objetivo, permitiu-nos uma visão panorâmica de um conjunto de indicadores. A existência de perguntas desenhadas para resposta aberta possibilitou, paralelamente, aos inquiridos, expressar dificuldades, preocupações e outros elementos mais subjetivos (Bryman, 2012). O inquérito constituiu uma oportunidade para todos os atores que nele participaram fazerem um balanço da sua atividade nesta fase e refletirem sobre desafios e oportunidades, também com vista a melhorar a resposta numa segunda fase da pandemia.

O inquérito de preenchimento online foi enviado para 305 US associadas à RUTIS. Responderam 127 US, o que perfaz uma taxa de resposta de cerca de 42%, com um grau de confiança de 95% e uma margem de erro de 7%. O inquérito incidiu nas atividades online desenvolvidas pelas US durante o período inicial da pandemia de Covid-19, considerando-se o período temporal entre março e início de junho de 2020. O inquérito esteve disponível para preenchimento entre 8 de junho e 16 de julho. O anonimato dos dados recolhidos foi garantido, não se tendo solicitado dados identificativos das US.

O único dado de caracterização geral obtido foi a pertença das US. A maioria das US que responderam ao questionário está agregada a uma associação (86, ou seja, 68%), enquanto as restantes (41, ou seja, 32%) estão integradas em autarquias.

Atividades Online nas Universidades Seniores em Tempos de Pandemia

Realização de atividades online durante a pandemia

Das 127 universidades seniores que responderam ao inquérito, 91 realizaram atividades online durante a pandemia de Covid-19. Uma larga maioria das universidades, cerca de 72%, procuraram assim nos meios digitais uma alternativa ao contacto presencial com os seus alunos.

Tendo em consideração a sua pertença, cerca de 70% das US integradas em associações e 76% das US pertencentes a autarquias realizaram atividades digitais.

As atividades foram maioritariamente realizadas em regime fechado, ou seja, só acessíveis aos alunos (52%). O regime aberto, para todos os que quisessem aceder, foi praticado por 18% das US e o misto por 30%.

Tipo de atividades e ferramentas utilizadas

No seguimento da análise, procurou-se perceber que atividades as US efetivamente desenvolveram na internet. Para tal, recorremos a uma questão que possibilitava resposta múltipla (Figura 1).

As aulas foram o tipo de atividade online mais comum. Cerca de 75% dos representantes das US que desenvolveram atividades indicam ter experimentado a realização de aulas à distância. Esta é uma percentagem bastante relevante e que deve ser destacada, já que relativamente equiparada a outros contextos de educação formal (Nova SBE, 2020a e 2020b), contextos esses bastante diferenciados e com uma população de alunos e professores com níveis etários bem mais reduzidos.

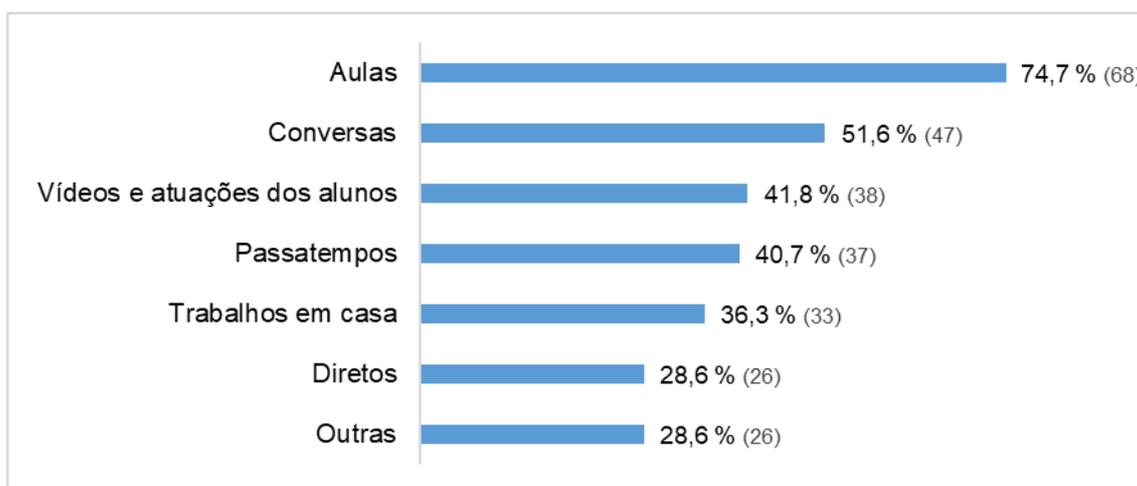


Figura 1 – Tipo de atividades online realizadas pelas US durante a pandemia (resposta múltipla; % de “sim”* e nº de respostas correspondente) (universo das US que desenvolveram atividades, n=91).

Acima dos 50% encontramos ainda as conversas, assinaladas por 52% dos representantes das US, que remetem para atividades de carácter mais informal, mas de grande relevância face a problemas como o isolamento social ou os problemas de saúde mental a que os seniores estão mais vulneráveis do que outros grupos sociais (Cabral, 2013; CGF e IA, 2010; Eurostat, hlth_ehis_cd1d, 2014).

Os outros itens têm taxas de adesão não menosprezáveis. Os vídeos e atuações dos alunos e os passatempos foram promovidos por um pouco mais de 40% das US; por sua vez, a proposta de trabalhos em casa, atividade menos interativa, abrangeu



36% das US; e, com taxas de resposta de 29%, encontram-se os diretos e outras atividades não especificadas.

No que concerne às ferramentas utilizadas na realização das atividades online, o Facebook e o Zoom são as que mais se destacam (Figura 2). O Facebook em grupo fechado foi escolhido por 53% das US que realizaram atividades, e a mesma rede social mas sem restrição de acesso foi usada por 36% das US. Já o Zoom, amplamente divulgado durante a pandemia de Covid-19 pelos serviços de videoconferência em grupo, obteve a adesão de 51% das US. Segue-se a aplicação WhatsApp, cuja utilização foi assumida por 34% de US que realizaram atividades online. O Skype foi escolhido por 13% das US e o recurso a plataforma própria tem um peso de apenas 4%. Registamos ainda o uso de outras ferramentas, conforme opção escolhida (também) por 31% dos representantes das US, o que expressa a variedade de meios digitais a que estas instituições recorreram em tempos de pandemia.

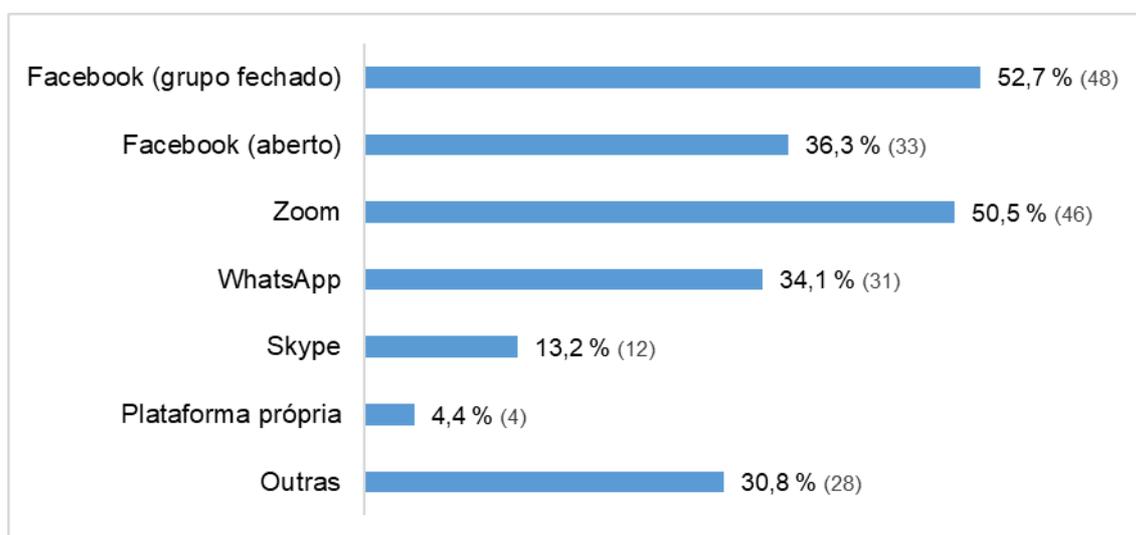


Figura 2 – Ferramentas utilizadas na realização de atividades online pelas US durante a pandemia (resposta múltipla; % de “sim”* e nº de respostas correspondente) (universo das US que desenvolveram atividades, n=91).

Adesão e balanço geral

As universidades que realizaram atividades online durante a situação epidémica foram ainda convidadas a avaliar o envolvimento de professores e alunos e a proceder a um balanço geral das atividades.

As opiniões sobre a adesão dos professores às atividades online realizadas não são totalmente consensuais (Figura 3). Essa adesão foi considerada razoável por 41% das US, indicando os seus representantes que alguns professores aderiram. Já o peso dos que avaliaram o envolvimento dos professores como bom, expressando que a maioria aderiu, é de 30%. As restantes US (29%) distribuem-se de forma similar entre as categorias mais polarizadas: excelente (a grande maioria dos professores aderiu) e pouco (a maioria dos professores não se envolveu).

As US mostram-se igualmente moderadas na forma como avaliam o envolvimento dos alunos (Figura 3), concentrando-se neste caso ainda mais nas categorias intermédias: 41% e 39% das US avaliam-no, respetivamente, como bom e como razoável. Neste indicador a adesão excelente apenas é declarada por cerca de 8% das US.

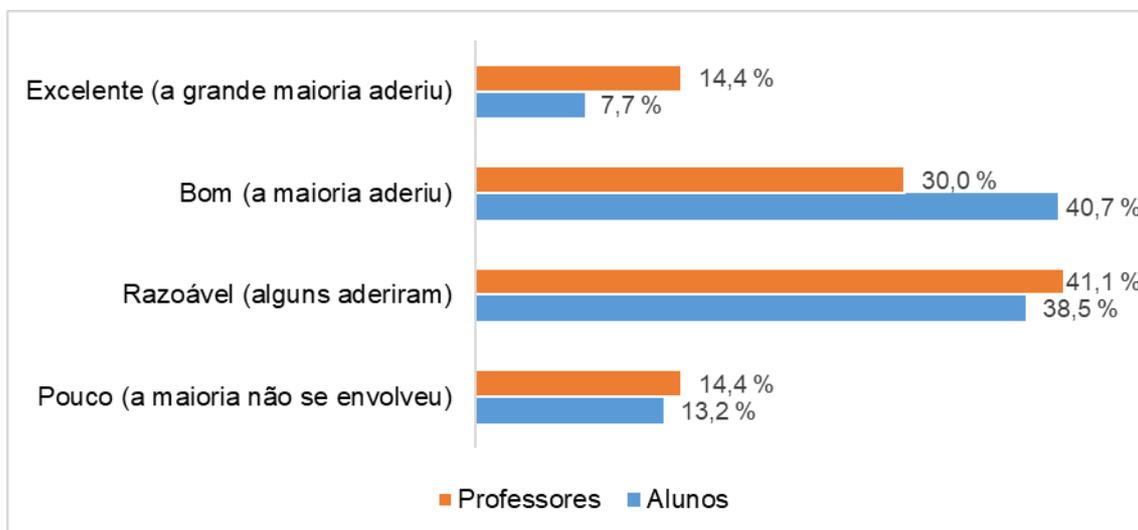


Figura 3 – Perceção das US acerca do envolvimento dos professores e dos alunos nas atividades online realizadas durante a pandemia (universo das US que desenvolveram atividades) (prof.: n=90; al.: n=91).

O balanço geral da realização de atividades online pelas US durante a pandemia, tendo em consideração as atividades que foram capazes de desenvolver face ao que tinham planeado inicialmente, é qualificado como razoável pela quase maioria (45%) (Figura 4). Mais otimista é a perceção de 34% das US, que fazem um balanço bom da realização de atividades online, e de outras 11%, que usam mesmo a categoria excelente, declarando as primeiras e as segundas ter desenvolvido, respetivamente, várias e muitas atividades em tempos de pandemia. Já as restantes



US (10%) assumem uma maior dificuldade na realização das atividades, afirmando não terem conseguido fazer o que tinham planeado.

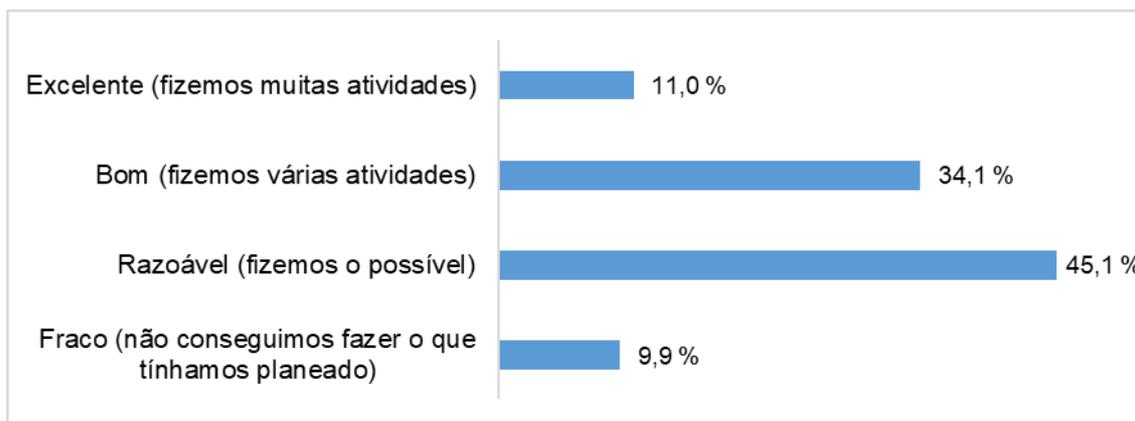


Figura 4 – Balanço geral da realização de atividades online pelas US durante a pandemia (universo das US que desenvolveram atividades, n=91).

Dificuldades

A principal dificuldade assumida pelos representantes das US na realização de atividades online foi inequivocamente a dificuldade de os alunos acederem aos meios/plataformas tecnológicas: 90% assinalam este item. Com possibilidade de resposta múltipla, outros tipos de dificuldades surgem ainda: com valores na ordem dos 20%, a inexistência de condições para manter regularmente as atividades, e a pouca vontade dos alunos; e, rondando os 15%, a desmotivação dos envolvidos, e a pouca vontade dos professores (Figura 5).

Quando se ventilam os resultados desta questão pela realização de atividades online, percebe-se que, embora a principal dificuldade indicada continue a ser a difícil relação dos alunos com as TIC (com valores muito semelhantes), outros aspetos emergem. As US que não desenvolveram atividades no espaço digital associam-no mais do que as restantes à falta de adesão dos alunos e à ausência de condições para manter as atividades (Figura 5).

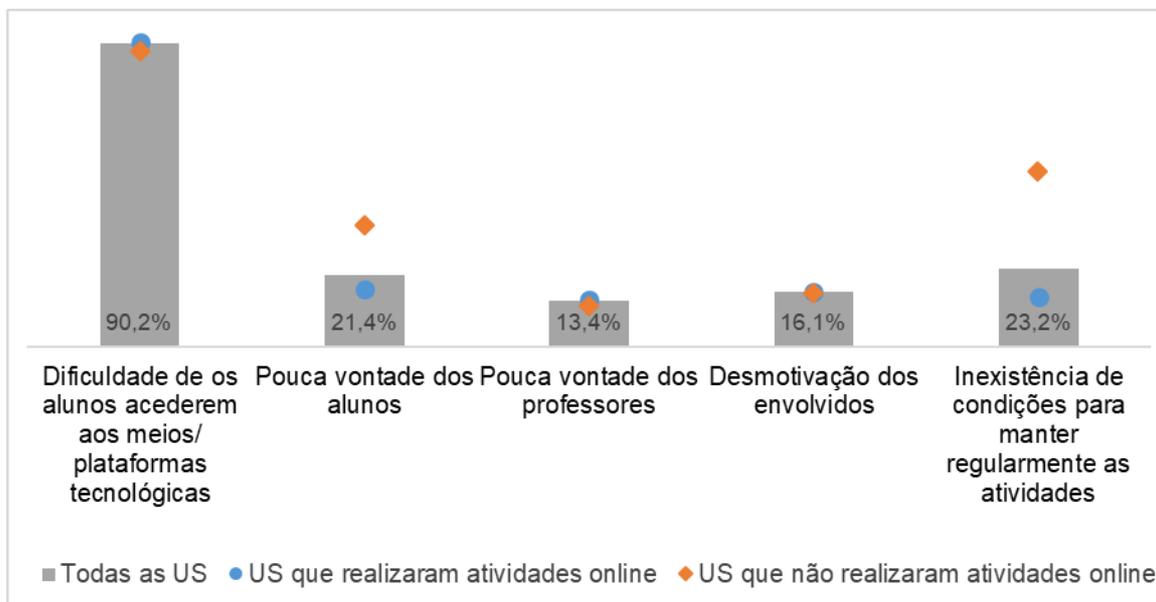


Figura 5 – Principais dificuldades percecionadas pela US relativamente à realização de atividades online, entre as US que desenvolveram ou não essas atividades durante a pandemia (resposta múltipla; % de “sim”) (n=112).

Centrando a análise nas universidades que declararam não ter desenvolvido atividades na rede, procurou-se aprofundar os motivos para tal. Em pergunta de resposta aberta, os representantes das US expressaram as suas perspetivas.

Foram vários os comentários que evidenciaram a reduzida literacia digital dos seniores enquanto um obstáculo relevante à realização de atividades não presenciais. Também a não posse de equipamentos digitais foi referida.

A grande maioria dos nossos alunos ainda não está "ligado" às novas tecnologias.

Os alunos têm baixo nível de literacia informática.

Os utentes não estão familiarizados com as novas tecnologias.

As pessoas não sabem utilizar o Zoom e lidam mal com as redes sociais.

A maioria dos nossos alunos não possuem o equipamento necessário para o efeito.

Algumas US fazem alusão à dificuldade dos próprios professores em trabalhar via digital, grande parte com idade avançada e pouca familiarização com a internet.



Na seguinte passagem patenteia-se, por outro lado, a resistência e falta de interesse de alguns alunos em relação às atividades virtuais, por preferirem a interação direta e o convívio proporcionado pelas aulas presenciais.

Constatou-se após contacto telefónico/pessoal aos alunos e professores o seu total desinteresse para este tipo de atividade. Os alunos manifestaram sim o seu vivo interesse num convívio traduzido em aulas presenciais com a participação direta dos professores. Reafirmaram também que ser aluno da Universidade Sénior não é estar sentado à frente do computador, sublinhando que não foi essa a génese fundacional das Universidades Seniores.

Algumas US referem ter procurado alternativas às atividades online, recorrendo por exemplo ao contacto telefónico. As conversas/o apoio psicológico (cuja importância é enfatizada nesta fase) e a sugestão de atividades para realização em casa (de forma assíncrona) ilustram o teor desse contacto.

Tem sido dado apoio via telemóvel, de forma a não se desligarem da Academia, a sentirem que não estão sós e a poderem falar de todas as preocupações que os afligem.

Apenas foram sugeridas atividades para os seniores fazerem em casa de forma assíncrona. A maior parte não possui computador (...).

Comentários

Abriu-se ainda espaço no questionário para comentários adicionais facultativos pelos representantes das US. Estes aproveitaram para aprofundar alguns pontos, sintetizados de seguida e ilustrados com os seus depoimentos escritos.

O curto espaço de tempo que os atores das US tiveram para se adaptar ao modelo de ensino à distância é um dos aspetos referidos nos comentários, enquanto um desafio que tiveram de enfrentar.

Fomos confrontados com um espaço temporal muito curto para alterarmos hábitos/rotinas e trabalho de mentalização junto de alunos e professores com vista a uma nova época e forma de contactar social e culturalmente.

Atividades de carácter mais prático constituíram uma dificuldade acrescida de transformação em modo virtual.

As atividades práticas, nomeadamente Pintura, Bordados, Visitas Culturais, Ciclo de Estudos (Conferências) não era viável decorrerem online.



Os comentários são também aproveitados para assinalar de forma positiva as orientações e sugestões da RUTIS. A iniciativa da Universidade Sénior Virtual é referida num dos casos como um complemento à formação interna das US.

Aproveitamos ainda para agradecer o empenho e a partilha de conteúdos que a RUTIS nos faz chegar nas mais variadas temáticas, todas pertinentes para qualquer US.

A comunidade (...) foi e está aderindo à nova realidade, dividindo-se entre a formação interna (...) e a partilha com as aulas facultadas pela www.seniorvirtual.pt.

Outro aspeto ressaltado tem que ver com os resultados da realização de atividades à distância. O representante da US citado no primeiro excerto apresentado de seguida considera que os efeitos foram positivos para os alunos que efetivamente participaram nas atividades online. Já no segundo caso mostra-se alguma insatisfação com o resultado da concretização das aulas.

Apesar do pouco envolvimento, aqueles alunos que o fizeram, acabaram por considerar ter feito duas aprendizagens/atividades: aprender a trabalhar com a plataforma Zoom e desenvolver a língua inglesa (...).

O convívio manteve-se mas as aulas ficaram aquém das nossas expectativas.

Algumas US que não realizaram atividades virtuais em 2019-20 mostram-se empenhadas na planificação do ano letivo de 2020-21, mencionando o desenvolvimento de projetos a nível experimental.

Por sua vez, entre as US que realizaram atividades online, existem comentários a perspetivar um modelo misto de aulas numa segunda fase da pandemia. Num panorama pós pandemia, houve mesmo quem não hesitasse em considerar que as aulas à distância poderão constituir uma oferta complementar às aulas presenciais.

[A modalidade de aulas à distância] poderá, no futuro, ser mais uma oferta, complementar das aulas presenciais.

Um desafio assumido pelas US é a integração dos grupos menos familiarizados com as TIC nas atividades à distância. Com a pandemia, as US foram confrontadas com o problema do défice de literacia digital dos alunos, que, como já vimos, dificultou a realização de atividades virtuais. Como resultado, os responsáveis poderão estar mais sensibilizados para essa questão, priorizando e valorizando ainda mais a formação digital dos seus alunos. O comentário seguinte ilustra isso mesmo.



Os nossos alunos ainda não têm formação informática suficiente para aceder a plataformas digitais. Sendo essa uma das nossas prioridades para o próximo ano letivo.

Com base na observação registada de seguida pelo representante de uma das US, é também pertinente considerar que, face à incerteza relativamente ao tempo que a pandemia durará, os seniores menos familiarizados com as TIC poderão aumentar o seu interesse e a sua vontade de aprender a usar a internet, para não se sentirem excluídos das iniciativas virtuais das US.

A maior parte dos alunos não tem conhecimento e muito menos familiaridade com os meios tecnológicos. Contudo, pareceu-nos que estão com alguma abertura para aprender a usar.

Um aspeto final aludido nos comentários é a relevância da partilha de experiências entre as US.

Após algumas semanas achámos pertinente partilhar a nossa experiência de aulas online com todas as US e RUTIS, e assim elaborámos um "Guia de Boas Práticas" (...), uma partilha de práticas, que irá permitir a reflexão sobre a atualidade (...).

Conclusão

A pandemia trouxe importantes desafios e oportunidades para a educação online também no contexto das universidades seniores. Responsáveis das US, professores e alunos foram obrigados a reinventar atividades e dinâmicas de interação.

Quase três quartos das US que responderam ao inquérito desenvolveram atividades online durante a fase inicial da pandemia, o que mostra o interesse deste grupo em disponibilizar meios alternativos ao contacto presencial com os alunos.

Não obstante, os dados recolhidos assinalam a existência de obstáculos relevantes ao sucesso das atividades ou mesmo à sua realização, como a dificuldade de acesso e uso autónomo das novas TIC pelos seniores que frequentam as US.

Este inquérito transparece de forma indelével o reduzido nível de literacia digital que caracteriza uma parte significativa da população sénior em Portugal. Isto acontece mesmo tratando-se de seniores envolvidos em educação não formal, com uma maior predisposição à partida para aprender e com um contacto privilegiado com as TIC face ao público sénior em geral, já que a maioria das US tem aulas e equipamentos de informática. Esta situação transparecerá também a cada vez maior exigência



requerida, ao nível não apenas da literacia digital como da própria literacia em geral e de um conjunto de outras competências, para usufruir verdadeiramente das oportunidades que os ambientes digitais podem proporcionar.

Estamos a viver numa sociedade em transformação, uma sociedade em que as competências, nomeadamente as literacias em meio digital, ganharam um peso inigualável até hoje e constituem cada vez mais uma “necessidade” (Beaunoyer, Dupéré & Guitton, 2020). Promover a literacia digital das gerações mais velhas é relevante para não agravar ainda mais a sua exclusão social, algo que poderá decorrer da situação pandémica atual e da valorização dos processos e ambientes tecnológicos a que esta obrigou: “As desigualdades digitais já existiam, mas a crise da COVID-19 está a exacerbá-las dramaticamente” (idem).

O isolamento dos seniores é um dos problemas sociais a que importa dar resposta e a que os representantes das US parecem estar atentos, como sugerem os dados recolhidos. O convívio é um fator muito apelativo para os alunos que frequentam as US, algo que o confinamento veio impossibilitar nos moldes tradicionais.

A educação não formal de adultos tem um papel de extrema relevância para estimular e capacitar as gerações mais velhas para o uso da internet (Coelho, 2019; Jacob & Pocinho, 2019). Mais do que nunca os atores das US estarão a sentir essa pertinência e uma parte dos próprios alunos se sentirão estimulados a aprender ou a aprofundar conhecimentos no domínio das TIC.

Na motivação para usar e para aprender a usar internet é decisivo os indivíduos terem a perceção do que esta lhes pode oferecer, de acordo com os seus interesses e necessidades (Coelho, 2019). Agora, mais do que nunca, essa necessidade é sentida: para, por exemplo, encontrarem alternativas à interação face a face ou acederem a outras funcionalidades/informação sobre saúde, etc. e integrarem-se nas atividades das US.

Como refere Castañeda (2016), mais do que alfabetizar os seniores para o uso das TIC, é importante tirar proveito das TIC para integrar os seniores em processos educativos globais. Trata-se de explorar as TIC como ferramentas educativas que ajudam os seniores a continuar com o seu processo educativo e de desenvolvimento pessoal. Iniciativas como a Universidade Sénior Digital podem prolongar-se no tempo pós-Covid para aumentar a amplitude de públicos das US e para complementar a oferta.



Espera-se que os dados do presente inquérito constituam um ponto de partida para a reflexão em torno de uma realidade nunca vivida antes. Este inquérito apresenta algumas limitações, nomeadamente pelo facto de ter uma taxa de resposta modesta, provavelmente pelo facto de não ter havido muito tempo para reflexão pós confinamento. Os indicadores poderiam ser mais desenvolvidos em posteriores aplicações, para uma análise mais aprofundada e evolutiva. A exploração da relação entre a realização de atividades/o seu sucesso e elementos como as características sociais dos alunos/o meio envolvente e as particularidades das equipas de gestão das US, seria também interessante.

Referências Bibliográficas

- Aggarwal, N., et al. (2020, julho 7). COVID-19 and the Digital Divides. *Oxford Internet Institute - Blog*. <https://www.oii.ox.ac.uk/blog/covid-19-and-the-digital-divides/>
- Amaro, F., & Gil, H. (2011). ICT for Elderly People: 'Yes, 'They' Can!'. *2011 e-CASE & e-Tech International Conference*. Toshi Center Hotel, Tóquio.
- Ávila, P. (2008). *A Literacia dos Adultos. Competências-chave na Sociedade do Conhecimento*. Lisboa: Celta.
- Bartolomé, A., Castañeda, L., & Adell, J. (2018). Personalisation in educational technology: the absence of underlying pedagogies. *International Journal of Educational Technology in Higher Education*, 15(14).
- Beunoyer, E., Dupéré, S., & Guitton, M. J. (2020). COVID-19 and digital inequalities: Reciprocal impacts and mitigation strategies. *Computers in Human Behavior*, 111.
- Bryman, A. (ed.) (2012). *Social research methods (4th ed.)*. Oxford: Oxford University Press.
- Cabral, M. V. (coord.) (2013). *Processos de Envelhecimento em Portugal. Usos do Tempo, Redes Sociais e Condições de Vida*. Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos.
- Calouste Gulbenkian Foundation, & Independent Age (CGF e IA) (2010). *Older People, Technology and Community*. Londres: CGF/IA.
- Castañeda, L. (2016). Alfabetizar para las TIC y TIC para Alfabetizar. *Seminário Internacional Cidadania Digital*. Instituto de Educação da Universidade de Lisboa.
- Cobo, C. (2016). *La Innovación Pendiente. Reflexiones (y Provocaciones) sobre educación, tecnología y conocimiento*. Colección Fundación Ceibal/ Debate:



Montevideo.

- Coelho, A. R. (2019). *Seniores 2.0: inclusão digital na sociedade em rede*. Tese de Doutoramento. Lisboa: ISCTE-IUL.
- Colombo, F., Aroldi, P., & Carlo, S. (2014). Stay Tuned”: The Role of ICTs in Elderly Life. Em G. Riva, P. A. Marsan & C. Grassi, *Active Ageing and Healthy Living*. Netherlands: IOS Press.
- Eynon, R., & Helsper, E. (2010). Adults learning online: Digital choice and/or digital exclusion?, *New Media & Society*, 13(4), 534-551.
- Figueiredo, A. D. (2017). Histórias, mitos e aspirações das TIC na educação em Portugal. Em D. Justino & M. E. B. Santos, *Estado da Educação 2016*. Lisboa: Conselho Nacional da Educação.
- Gil, H. (2013). Ambientes ‘personalizados’ de aprendizagem para adultos idosos: a potencial relevância das TIC. Em *Atas da VIII Conferência Internacional de TIC na Educação - Challenges 2013* (pp. 183-191). Braga: Universidade do Minho.
- Gil, H. (2016). A pertinência de uma cidadania digital 65+. *Seminário Internacional Cidadania Digital*. Instituto de Educação da Universidade de Lisboa.
- Gil, H. (2018). Cidadania digital: uma nova condição para a inclusão social dos adultos mais idosos?!... Em *Ageing Congress 2018-Congresso Internacional sobre Envelhecimento: Atas* (pp. 278-294). Coimbra: ANGES.
- Gil, H., & Páscoa, G. (2018). O Bem-estar através das Tecnologias Digitais: Um Estudo em Populações 50+. *INFAD Revista de Psicología*, 1(2), 33-42.
- Gomes, M. E. C. (2014). *Inclusão digital na terceira idade: a integração das TIC numa escola superior sénior*. Dissertação de Mestrado. Lisboa: Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias.
- Iivari, N., Sharma, S., & Ventä-Olkkonen, L. (2020). Digital transformation of everyday life – How COVID-19 pandemic transformed the basic education of the young generation and why information management research should care? *International Journal of Information Management*, 55.
- Jacob, L. (2012). *Universidades Seniores: Criar novos Projetos de Vida*. Almeirim: RUTIS.
- Jacob, L., & Pocinho, R., (2019). As TIC nas universidades seniores. *Investigação, Práticas e Contextos em Educação*, IPLeiria.
- Mineiro, A., & Lagarto, J. R. (coord.) (2020). *Guia de boas práticas de ensino online em contexto de emergência para alunos surdos durante a pandemia da doença COVID- 19*. Lisboa: UCP.



- Monteiro, H., & Neto, F. (2008). *Universidades da terceira Idade: Da solidão aos motivos para a sua frequência*. Porto: Livpsic.
- Nova SBE (2020a). Ensino a Distância: Questionário a Professores. <https://kc-economics-of-education.github.io/ensino-distancia-resultados/>
- Nova SBE (2020b). Ensino a Distância: 2º Questionário a Professores. <https://kc-economics-of-education.github.io/ensino-distancia-resultados-maio/>
- Rebelo, B. (2015). *Universidades Seniores: Uma visão sobre o Envelhecimento Ativo*. Porto: Mais Leitura.
- Rodrigues, M. L. (2020, maio 23). As universidades e as competências para um futuro pós-covid. Público. <https://www.publico.pt/2020/05/23/opiniao/opiniao/universidades-competencias-futuro-poscovid-1917622>
- Teixeira, É., & Galinha, S. (2017). A importância da universidade sénior para um envelhecimento ativo: Universidade Sénior de Machico – um estudo de caso na RAM. *Revista da UIIPS*, 5(3), 142-159.
- Van Boekel, L., Peek, S., & Luijkx, K. (2017). Diversity in Older Adults' Use of the Internet: Identifying Subgroups Through Latent Class Analysis, *Journal of Medical Internet Research*, 19(5), e180.
- Van Deursen, A., & Helsper, E. (2015). A nuanced understanding of Internet use and non-use among the elderly. *European Journal of Communication*, 30(2), 171-187.
- Van Deursen, A., & van Dijk, J. (2014). *Digital Skills: Unlocking the Information Society*. New York: Palgrave Macmillan.
- Varela, C. C. B. (2012). *O Impacto dos Cursos TIC das Universidades Sénior na Inclusão Digital da Terceira Idade*. Dissertação de Mestrado. Lisboa: Universidade de Lisboa.